

# ACENTO SECUNDÁRIO EM PORTUGUÊS

Gisela Collischonn  
CPGL – PUCRS

## I – INTRODUÇÃO

Neste artigo, fazemos uma análise do acento secundário em palavras isoladas (simples ou compostas).<sup>1</sup> Na elaboração da análise que iremos apresentar, procuramos responder às seguintes perguntas:

a) o acento secundário possui uma regra de atribuição independente ou é ele uma mera consequência do acento primário, por uma atribuição cíclica ou iterativa deste?

b) o acento secundário é sensível ao peso silábico, ou seja, as sílabas terminadas em consoante atraem o acento secundário?

c) havendo uma regra de acento secundário, qual seria: (i) a posição de cabeça; (ii) a direção do acento?

d) o acento secundário tem alguma influência sobre outros processos fonológicos, ou seja, é possível prever algum tipo de ordenação da regra do acento secundário com relação a outras regras?

Na parte que segue apresentaremos os dados. Na terceira parte, derivamos a regra do acento. Na quarta, discutimos o domínio do acento. Na quinta, a criação de pés degenerados, segundo Halle & Vergnaud e a regra *Apague  $\alpha$*  (de Haraguchi). Na sexta analisamos o problema do acento secundário em palavras compostas e concluímos o nosso trabalho.

## 2 – DADOS

Vejam inicialmente as posições em que ocorre o acento secundário em palavras com até 7 sílabas pretônicas. (A porção postônica é irrelevante para o acento secundário). Nestes exemplos é desconsiderada a estrutura interna das palavras, o que será justificado mais adiante. As seguintes convenções notacionais foram adotadas: (a) o símbolo ' $\sigma$ ' representa uma sílaba; (b) sempre que uma transcrição fonética não for necessária, esta será

<sup>1</sup> Deixamos para estudos posteriores a análise do acento secundário em constituintes sintáticos-prosódicos maiores. A razão é metodológica: a análise do acento no nível do enunciado e da frase entonacional tem de levar em conta outros fatores, tais como foco e estrutura de informação.

substituída pela ortografia comum das palavras; (c) um ponto indica fronteira de sílaba; (d) o acento primário é representado por uma apóstrofe depois da vogal acentuada; (e) a sílaba que recebe o acento primário e todas as que recebem acento secundário foram sublinhadas.

- (3)  $\sigma \sigma'$                     a. ci.car  
 $\sigma \sigma \sigma'$                     co.li.brí', al.mo.fa'da  
 $\sigma \sigma \sigma \sigma'$                     tem.pe.ra.tu'.ra / tem.pe.ra.tu'.ra  
                                   a.ba.ca.xi' / a.ba.ca.xi'  
 $\sigma \sigma \sigma \sigma \sigma'$                     pro.ba.bi.li.da.de  
 $\sigma \sigma \sigma \sigma \sigma \sigma'$                     a.con.di.cio.na.me'n.to / a.con.di.cio.na.me'n.to  
 $\sigma \sigma \sigma \sigma \sigma \sigma \sigma'$                     ir.res.pon.sa.bi.li.da.de  
 $\sigma \sigma \sigma \sigma \sigma \sigma \sigma \sigma'$                     in.co.mu.ni.ca.bi.li.da.de / in.co.mu.ni.ca.bi.li.da.de

Os exemplos nos mostram que os acentos secundários ocorrem em intervalos regulares, ou seja, a cada segunda sílaba. Nas palavras em que o número de sílabas pretônicas é par, o padrão é sempre este: a primeira sílaba é acentuada e cada segunda sílaba à direita desta. Nas palavras em que o número de sílabas pretônicas é ímpar, observamos dois padrões possíveis: (a) a segunda sílaba é acentuada e cada segunda sílaba à direita desta; ou (b) a primeira sílaba é acentuada e o acento seguinte somente cai sobre a terceira sílaba à direita desta. Com relação ao padrão (b), observa-se, em palavras mais longas, que o intervalo ternário somente ocorre entre a primeira e a quarta sílabas e não em outras posições.

- (4) in.co.mu.ni.ca.bi.li.da'.de  
       \*in.co.mu.ni.ca.bi.li.da'.de

O mesmo fenômeno verifica-se no Espanhol (Harris, 1983, p. 86; Roca, 1986, p. 358) e no Italiano (Vogel & Scalise, 1982, p. 237). Nós iremos chamá-lo de recuo do acento secundário, porque consideramos que o acento secundário que cairia regularmente sobre a segunda sílaba da palavra é recuado, neste caso, para a primeira.

Vimos portanto que o acento secundário apresenta uma alternância binária. Vamos agora procurar responder a primeira pergunta, ou seja, se o acento secundário é de alguma forma determinado morfológicamente. Observemos os exemplos abaixo:

- (5) a. car.na.va'l + es.co                    car.na.va.les'.co  
                                                           car.na.va.les'.co  
                                                           \* car.na.va.les'.co  
       b. ja.bu.ti.ca'.ba + ei.ra                    → ja.bu.ti.ca.bei'.ra  
                                                           \* ja.bu.ti.ca.bei'.ra  
       c. es.can'.da.lo + o.so                    → es.can.da.lo'so  
                                                           es.can.da.lo'so

O acento primário atribuído à forma básica não é mantido na forma derivada. Isto fica mais evidente em (5.c) visto que o acento primário da base e o acento da forma derivada não ficam adjacentes e, mesmo assim, o acento não é mantido, o que exclui a hipótese de que o acento primário teria sido removido em virtude de um choque. Em outras palavras, o acento secundário não faz referência à estrutura interna da palavra.

O acento secundário não é atraído por sílabas pesadas, terminadas em consoante ou *glide*, o que se comprova pelos exemplos a seguir. As sílabas pesadas são indicadas por um '-' e as leves por um 'v'.

- (6) la.gar.ti.xa  
       v - v v  
       a.mor.te.ci.me'n.to  
       v - v v - v

Portanto, o acento secundário desconsidera o peso silábico, obedecendo apenas ao ritmo binário. Há uma diferença fundamental entre o acento primário e o acento secundário; o primeiro, conforme Bisol (1992), é sensível ao peso da sílaba e o segundo, conforme vimos, não o é.

Vejamos, por fim, a relação do acento secundário com dois processos de ressilabação: a ditongação e a epêntese.

- (7) Ditongação  
       a. si.be.ri.a'.no                                b. si.be.r[y]a'.no  
           ca.xi.en'.se                                ca.x[y]en'.se  
           in.vi.á'.vel                                in.v[y]á'.vel  
           pe.di.a.tra                                pe.d[y]a.tra  
           ro.do.vi.á'.rio                                ro.do.v[y]á'.rio

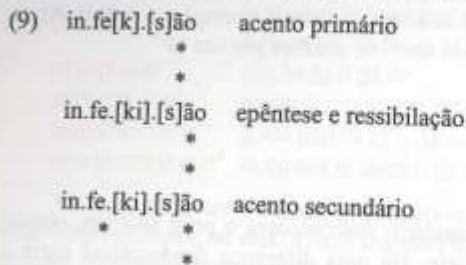
Em (7) apresentamos palavras em que uma seqüência de vogais se realiza ora como hiato (7.a), ora como ditongo (7.b). Observe-se que a ditongação ocorre mesmo que a vogal em questão tenha sido portadora do acento na forma básica (Ca.xi.as, ro.do.vi'.a). A ditongação não é obrigatória e é claramente uma regra fonológica tardia. Como a ditongação muda o número de sílabas, ela tem conseqüências para o acento secundário. Podemos ver que a posição do acento secundário depende da ocorrência da ditongação, portanto, o acento secundário é atribuído depois desta.<sup>2</sup> Este fato demonstra que o acento secundário ocorre no componente pós-lexical.

- (8) Epêntese  
       a. in.dig.na'.do                                b. in.di.[gi].na'.do  
           fle[k].[s]i'.vel                                fle.[ki].[s]i'.vel  
           psi.có'.lo.go                                [pi].[si].có'.lo.go  
           in.fe[k].[s]ã'o                                in.fe.[ki].[s]ã'o

<sup>2</sup> Numa perspectiva diferente, ditongação e acento secundário poderiam ser consideradas regras contemporâneas, que conspiram para a produção de um ritmo binário regular.



Em (8) apresentamos palavras em que uma oclusiva ocorre ora em final de sílaba, (8.a), ora como *onset* de sílaba seguida de uma vogal epentética, (8.b). O que se observa é que, quando há epêntese, a posição do acento secundário muda. Isto significa que a epêntese deve ocorrer antes da atribuição de acento secundário, visto que, de outro modo, não seria possível a atribuição do acento à sílaba 'fe' em *infecção*, por exemplo (pelo fato de ocorrer um choque). A derivação desta palavra seria então:



O que podemos concluir a partir da discussão desta parte é que o acento secundário tem lugar entre as regras do componente pós-lexical.

Em resumo, vimos, em primeiro lugar, que o acento secundário não é resultado da aplicação cíclica do acento primário. Em segundo lugar, que o acento secundário difere do acento primário porque não é atraído pelo peso da sílaba. Finalmente, vimos que o acento secundário tem aplicação tardia, no componente pós-lexical, ao passo que o acento primário tem aplicação lexical. Disso, concluímos que o acento secundário não é atribuído pela mesma regra que atribui o acento primário.

### 3 - FORMULANDO A REGRA DO ACENTO SECUNDÁRIO

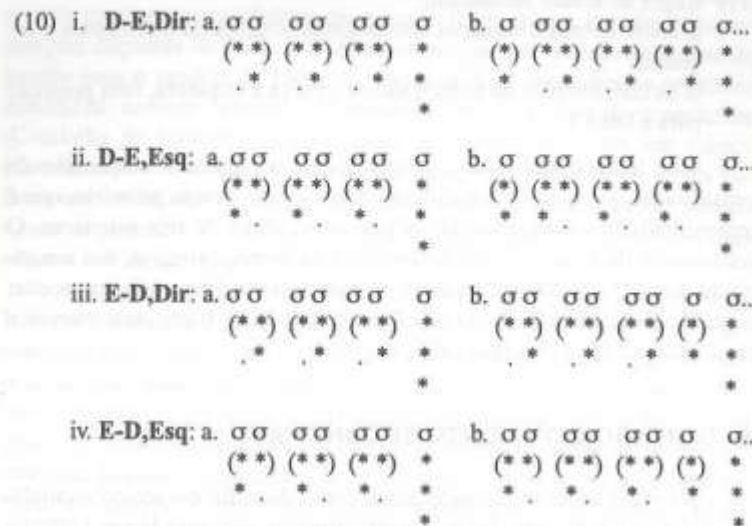
Como seria então a regra de acento secundário? No modelo de Halle & Vergnaud (1987) basicamente o que temos a fazer é fixar os valores para os seguintes parâmetros:

- (a) direção de construção: D-E ou E-D;
- (b) cabeça à direita ou à esquerda: Dir ou Esq;
- (c) tipo de constituinte: limitado (binário ou ternário), ou ilimitado.

Quanto ao parâmetro (c), vimos que o acento secundário apresenta uma alternância binária, portanto, o constituinte é binário. Eventuais constituintes ternários são o resultado de reajustamentos, provocados por diferentes fatores, tais como o choque de acento ou o número ímpar de sílabas no domínio.

Da reunião de parâmetros (a) e (b) resultam quatro combinações diferentes: D-E,Dir; D-E,Esq; E-D,Dir; E-D,Esq. Em (10), apresentamos padrões derivados por estas combinações. Consideramos apenas a parte da

palavra que vai do acento primário para a esquerda, portanto, a sílaba mais à direita nos padrões é a portadora do acento primário. Para cada combinação de parâmetros há dois exemplos: em (10.a), o número de sílabas anterior ao acento primário é par e, em (10.b), é ímpar.



Nas figuras acima, apenas na combinação D-E,Esq (10.ii) não ocorreu choque entre o acento secundário e o acento primário (apesar de ocorrer choque entre dois acentos secundários). As combinações com o valor Dir para o parâmetro posição de cabeça podem ser descartadas imediatamente porque, sendo a regra de acento secundário independente da regra de acento primário, não há, neste parâmetro, como impedir um acento secundário adjacente ao acento primário, o que fere um dos aspectos da estrutura métrica do português que é a rejeição à seqüência de sílabas acentuadas.

Quando o valor para o parâmetro direcionalidade for E-D, o acento secundário inicial irá recair sempre sobre a mesma sílaba: ou sobre a primeira, no caso de Esq, ou sobre a segunda no caso de Dir. Como vimos na seção anterior, em português, o acento secundário inicial cai sobre a primeira sílaba quando o número de sílabas anteriores ao acento primário for par e na segunda sílaba quando o número de sílabas pretônicas for ímpar (neste caso ele pode variar com o acento inicial). Portanto, nenhuma das duas combinações com direcionalidade E-D pode dar conta dos fatos em português. Exemplos de línguas com direcionalidade E-D são o italiano (Sluyters, 1990, p. 85) e o polonês (Booij & Rubach, 1986, p. 296); nestas, o acento sempre cai sobre a primeira sílaba.







A posição de chegada é prevista pela Condição de Adjacência (Haraguchi 1991), que exige que o acento seja movido para o cabeça mais próximo. A perda do acento em *cafezinho* não modifica a qualidade da vogal. O mesmo vale para *pacotinho*, *amarelinho*, *famosíssima* e *seletíssimo*, ou seja, a vogal média baixa ocorre em posição não (mais) acentuada. No entanto, não há motivos para considerar estas palavras como compostos. A solução proposta aqui é considerar que a formação destas ocorra num ponto do Léxico em que não está mais ativa a regra que neutraliza as vogais médias não acentuadas (v. Wetzels, 1992). De resto, estas palavras seguem o mesmo padrão de derivação das outras palavras formadas no Léxico e saem de lá com apenas um acento primário. No componente pós-lexical receberão o acento secundário.

## 7 - CONCLUSÃO

Neste artigo formulamos a regra do acento secundário, ou seja, fixamos os valores para os parâmetros previstos na teoria. A direção de construção é da direita para a esquerda. A posição do cabeça é à esquerda. Mostramos, além disso, que é preferível considerar que a atribuição do acento secundário inicie somente a partir do acento primário em direção à esquerda e não a partir da borda direita da palavra, para evitar apagamentos desnecessários dos acentos atribuídos à direita do acento primário. Tratamos também do problema da variação da posição do acento secundário inicial nas palavras em que o número de sílabas pretônicas é ímpar. A construção de constituintes binários produz um constituinte defectivo na margem esquerda da palavra e, conseqüentemente, um choque entre dois acentos. Utilizamos a solução proposta por Haraguchi (1990) de acordo com a qual um dos dois acentos em choque apagado pela regra *Apague  $\alpha$* , resultando, deste modo, na variação mencionada acima.

Finalmente, analisamos o acento secundário nos compostos em que cada membro traz seu acento do Léxico sem perda do acento no processo de composição. O que ocorre é simplesmente que o acento primário mais à direita recebe um grau de acento a mais (representado na grade métrica pelo acréscimo de um asterisco sobre a linha 3 nesta posição). Quando há choque de acentos a regra *Mova a* desencadeia um movimento do primeiro acento para a esquerda.

## 8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, L. (1992). O Acento: duas alternativas de análise. In: BISOL, L., MATEUS, M., WETZELS, L. *Assuntos de Fonologia do Português. Uma Introdução à Fonologia Moderna* (em preparação).

- BOOIJ, G. E., RUBACH, J. (1985). A Grid Theory of Stress in Polish. *Lingua*, n. 66, p. 281-320.
- HALLE, Morris, VERGNAUD, Jean-Roger. (1987). *An Essay on Stress*. Cambridge, Mass., MIT Press.
- HARAGUCHI, Shosuke. (1991). *A theory of stress and accent*. Dordrecht, Foris.
- HARRIS, James. (1983). *Syllable structure and stress in Spanish*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press.
- HAYES, Bruce. (1991). *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Los Angeles, University of California. (manuscrito).
- LIBERMAN, Mark, PRINCE, Alan. (1977). On Stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, v. 8, p. 249-325.
- PRINCE, Alan. (1983). Relating to the grid. *Linguistic Inquiry*, v. 14, n. 1, p. 20-99.
- ROCA, Igy. (1986). Secondary stress and metrical rhythm. *Phonology Yearbook*, v.3, p. 341-370.
- SLUYTERS, Willerbrod. (1990). Length and stress revisited: a metrical account of diphthongization, vowel lengthening, consonant gemination and word-final epenthesis in modern Italian. *Probus* v. 2, n. 1, p. 65-102.
- VOGEL, Irene, SCALISE, Sergio. (1982). Secondary Stress in Italian. *Lingua*, v. 58, p. 213-242.
- WETZELS, W. Leo. (1991). Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no Sistema Verbal do Português: Uma Análise Auto-segmental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 21.